

Cartilha de Boas Práticas

VELA FEMININA



Cartilha de Boas Práticas

VELA FEMININA

Autoras:

Maria Hackerott (coordenadora)

Adriana Barreiros

Christina Amaral

Christina Frediani

Cristiane Brandão

Débora Bergamini

Elisa Mirow

Fernanda Jamel

Fernanda Kienitz

Georgia Bruder

Iris Fernandes Poffo

Janice Adams

Jaqueline Vieira

Laís Guimarães

Manuella Emerim

Marina Bidoia (ilustradora)

Marione Macário

Paola Prada

Patrícia Schiavo

Teresa Karina Pinheiro

Vitória Olivier



Dados internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Cyro de Andrade da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo

C327 Cartilha de boas práticas: vela feminina / coordenado por Maria Altimira Hackerott... [et al.]; ilustrado por Marina Bidoia Gerdullo. - São Paulo: Confederação Brasileira de Vela, 2022.
33 p. : il.; PDF.

ISBN 978-65-00-41122-5 (E-book)

1. Esporte. 2. Vela. 3. Gênero. 4. Ética. 5. Mulher. I. Hackerott, Maria Altimira (Coord.). II. Barreiros, Adriana. III. Brandão, Cristiane. IV. Amaral, Christina. V. Frediani, Christina. VI. Bergamini, Débora. VII. Mirow, Elisa. VIII. Jamel, Fernanda. IX. Kienitz, Fernanda. X. Bruder, Georgia. XI. Poffo, Iris Fernandes. XII. Adams, Janice. XIII. Vieira, Jaqueline. XIV. Guimarães, Laís. XV. Moreira, Manuella Emerim. XVI. Macário, Marione. XVII. Prada, Paola. XVIII. Schiavo, Patrícia. XIX. Pinheiro, Teresa Karina. XX. Olivier, Vitória. XXI. Gerdullo, Marina Bidoia.

Índice para catálogo sistemático:

1. Esporte 796
2. Esportes aquáticos 797

Elaborado por: Solange Alves Santana CRB 8/9805

Eu estou em solitário, nesse barco, mas sei que não estou sozinha.

Tenho comigo as vozes, os gestos, os mapas deixados por aquelas que abriram nosso caminho no mar.

E cada partida e chegada de uma de nós, convida para as travessias de todas.

Tamara Klink

Velejadora sulamericana mais jovem a cruzar o oceano Atlântico em solitário



PRÓLOGO

A mulher que pratica esporte aprende a cair e levantar sozinha, a criar as próprias estratégias, a seguir seu sonho e a se fortalecer. A mulher que pratica esporte no mar ganha tudo isso e ainda cria uma conexão intensa com a natureza. Na prática esportiva, temos a oportunidade de desenvolver boas relações sociais.

Essa cartilha visa mostrar, de forma muito clara, através de exemplos, situações e falas que passam despercebidas, mas que apontam para cenas de não inclusão e que muitas vezes desvalorizam a mulher, colocando-a em um papel acessório e não de protagonismo e igualdade ao lado dos homens. Isso tudo tira a nossa oportunidade de integração, além de restringir a possibilidade de mais mulheres aprenderem a velejar e a se divertirem com esse processo.

Queremos garantir nosso espaço de capacitação, queremos nos sentir seguras no meio da vela. Queremos que nossos esforços sejam reconhecidos, queremos respeito, queremos falar e sermos realmente ouvidas.

Queremos usufruir por inteiro da experiência de aprender com o mar.

Sabemos que isso significa uma desconstrução dentro de um esporte formado em sua maioria por homens. E tudo está no detalhe. Esperamos que o que está colocado aqui, possa sensibilizar a comunidade náutica brasileira, formando uma força-tarefa para cada vez mais termos velejadoras ativas e felizes, crescendo e aprendendo muito com esse esporte que é tão bonito como a vela!

Isabel Swan

Medalhista Olímpica de Vela
Coordenadora da área mulher no esporte - COB



APRESENTAÇÃO

Ao velejar, constantemente, as mulheres são vistas com estranhamento, ou com pouco caso. Vezes mais, vezes menos, sempre alguém duvida da capacidade delas enfrentarem situações desafiadoras como ventos fortes, regatas de alto nível, ou travessias oceânicas. O mesmo estranhamento não ocorre quando velejam por águas tranquilas, costuram cabos, reparam velas, arrumam o barco, ou cozinham a bordo. A classificação por gênero, precipitadamente, limita as mulheres a uma categoria de seres sensíveis e frágeis, naturalmente cuidadoras e cuidadas. Claro, este estereótipo nem sempre condiz com o que as mulheres são, e como os homens agem na vela. Em um ambiente saudável e equilibrado, mulheres e homens podem desenvolver quaisquer habilidades, e ocupar os espaços que desejam. Assim, criamos esta cartilha a fim de colaborar para que a vela também seja um ambiente em que todas e todos possam desenvolver suas potencialidades.



O material que aqui apresentamos, é fruto de um trabalho coletivo, com o envolvimento de cerca de 50 mulheres: velejadoras, juízas, treinadoras e mães de velejadoras. Em encontros semanais ao longo de quatro meses, entre setembro e dezembro de 2021, reunimos depoimentos de situações agradáveis e desagradáveis pelas quais meninas e mulheres passaram e passam no ambiente náutico. Discutimos o que havia de errado com estas situações e suas consequências, pensamos quais atitudes poderiam ser adotadas para evitá-las e/ou minimizar seus danos. Como fruto destes encontros, elaboramos esta cartilha, que está organizada em quatro partes. Na primeira, sugerimos boas práticas para instrutores(as), treinadores(as) e coordenadores(as) de escolas de vela; na segunda, apontamos sugestões de boas práticas possíveis em situações a bordo de veleiros; na terceira, as boas práticas são voltadas para as comissões organizadoras de campeonatos. Todas as sugestões foram baseadas em situações que causaram certo mal estar, as quais optamos por relata-las com a intenção de também exemplificar circunstâncias problemáticas e contra-indicadas. Por fim, na quarta parte, apresentamos velejadoras inspiradoras.

Sendo assim, convidamos você para embarcar nessa leitura, no intuito de ampliar o debate sobre a igualdade de gênero e buscar um novo patamar de oportunidades igualitárias - também considerando os marcadores de raça, classe, condição etária, deficiência, etc. - além de contribuir para a construção de um esporte mais respeitoso e de inclusão, fomentando e atraindo cada vez mais a participação feminina na vela!

Lembramos ainda, que esta cartilha não está dada como terminada. Por meio do perfil de instagram @velafemininabrasileira, o debate pode ser ampliado, de modo que mais pessoas possam contar suas experiências e sugestões de boas práticas. Neste sentido, se você deseja contribuir com o aprimoramento desta cartilha entre em contato conosco via instagram ou pelo e-mail maria@cbvela.org.br.

Boa leitura.

ESCOLAS DE VELA

As escolas de vela são um espaço de formação por excelência. Nelas as pessoas aprendem a ler o vento, trimar as velas, timonear ... Assim como, conhecem os valores e interesses de quem já veleja. Por meio das escolas de vela muita gente vai se formando na cultura náutica e, aos poucos, se tornam parte dela. Entretanto, infelizmente, temos notado que dentro da cultura náutica vem se perpetuando, muitas vezes de modo sutil, considerações de que as mulheres são menos capazes e de que a vela não é para elas. Acreditamos que as escolas de vela, justamente por serem espaço de formação, têm papel importante para romper com esses entendimentos. Desse modo, apresentamos aqui algumas boas práticas que tornam o ambiente convidativo e respeitoso para meninas, meninos, mulheres e homens.



Não permita que haja desrespeito entre os alunos.

*Velejadoras crianças eram minoria, e foram constrangidas repetidas vezes pelos seus colegas meninos.

Ao ensinar ou dar treino é preciso ficar atento aos estilos, gostos e características individuais da/o aluna/o. Não pressuponha que meninos são competitivos e meninas são cooperativas. Tampouco desista de ensinar as/os alunas/os que “não levam jeito”.

*Certa vez, um treinador considerou que a única aluna menina, não tinha perfil de competidora e então não se dedicou a treiná-la, tanto quanto treinava os meninos.

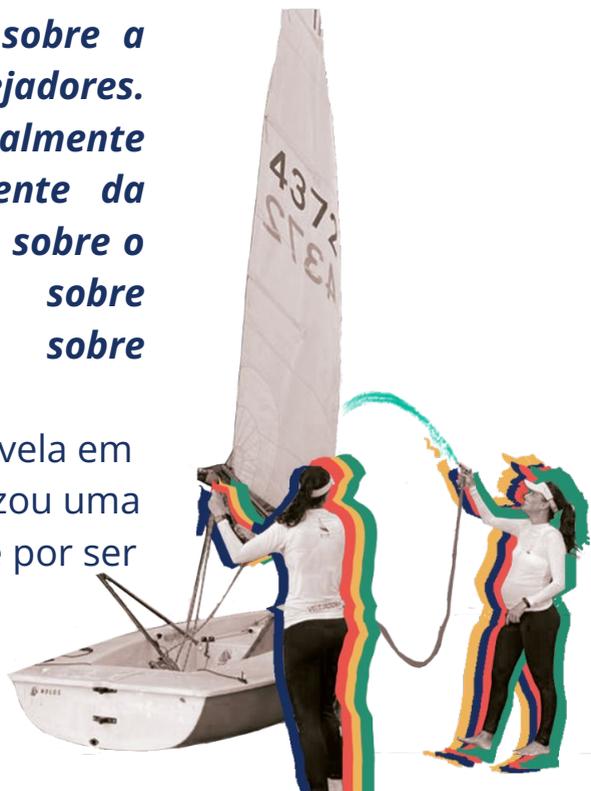
*Numa flotilha de optimist, uma menina era a mais inexperiente do grupo e velejava com meninos veteranos. Ela ainda não tinha bons resultados e era muito zoada por isso, inclusive pelo treinador, que prestava pouquíssima atenção nela, não contribuía para o seu desenvolvimento e não via as suas pequenas vitórias. Com o tempo ela se afastou da vela e buscou em outro esporte oportunidade de desenvolvimento. Mas depois, ao voltar a velejar, se tornou campeã.

Esteja atento aos interesses dos alunos e amplie o repertório deles em relação às possibilidades de navegação. A vela é um universo incrível, às vezes a escola de vela foca demais nas competições, enquanto seus alunos estão mais interessados em passear ou fazer travessias. Se possível, convide mulheres velejadoras de diferentes áreas da vela para rodas de bate papo.

*Determinada escola de vela tinha uma abordagem voltada para competições e perceberam que, com este enfoque, havia muita evasão, em especial de meninas. Foi então que convidaram uma velejadora de travessias para uma palestra e acrescentaram outros enfoques náuticos como o lazer e a profissão.

Não faça comentários sobre a aparência das e dos velejadores. Comente sobre o que realmente importa para o ambiente da escola de vela. Comente sobre o espírito esportivo, sobre determinada técnica, sobre força...

*Determinada escola de vela em sua rede social parabenizou uma velejadora simplesmente por ser bonita.

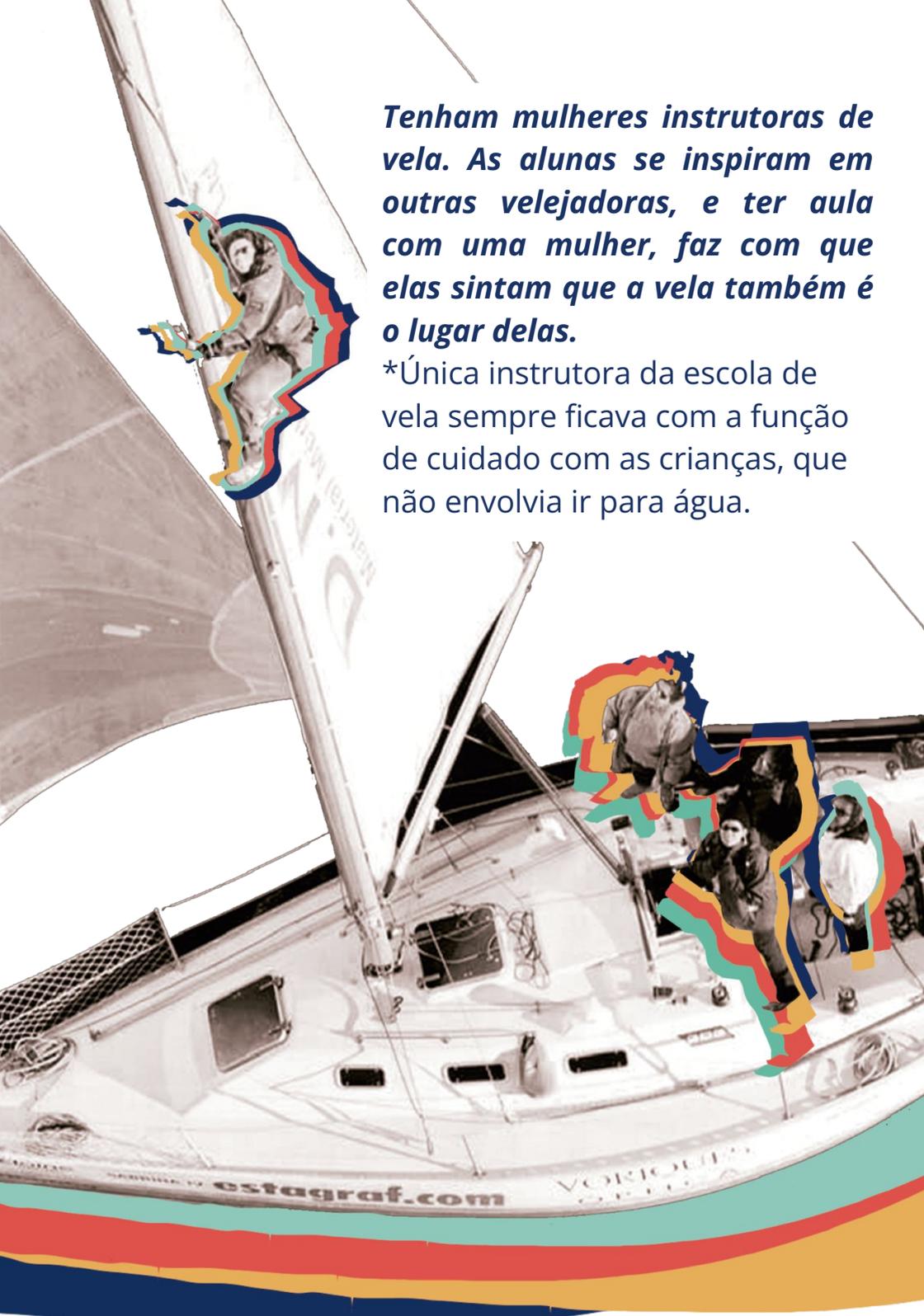


Ao organizar uma excursão ou viagem, permita que tanto meninas quanto meninos possam participar. Também sugerimos que entre os adultos responsáveis haja pelo menos uma mulher e um homem.

*Um clube organizou uma viagem para treino com os velejadores da flotilha de optimist. Como as vagas eram limitadas, foi necessário fazer um processo seletivo, no qual apenas uma menina se classificou. As regras do processo não foram bem definidas e houve uma mudança de tal forma que a menina não pode ir. Entre os argumentos para a nova seleção, foi alegado que como o treinador era homem, a logística seria difícil se houvesse uma menina na equipe.

Permita que todos tenham experiências nas diferentes funções de uma tripulação e em diferentes condições de vento. Se a pessoa tiver receio de vivenciar determinada situação, pense em estratégias para que ela se sinta segura e não pressuponha que mulheres têm mais medo que homens! Deixe que as pessoas lhe mostrem suas preferências e receios.

*Instrutor de curso de vela para adultos não propiciava o mesmo tempo de experiência no leme para cada aluno. As mulheres praticamente não experimentaram timonear o veleiro.

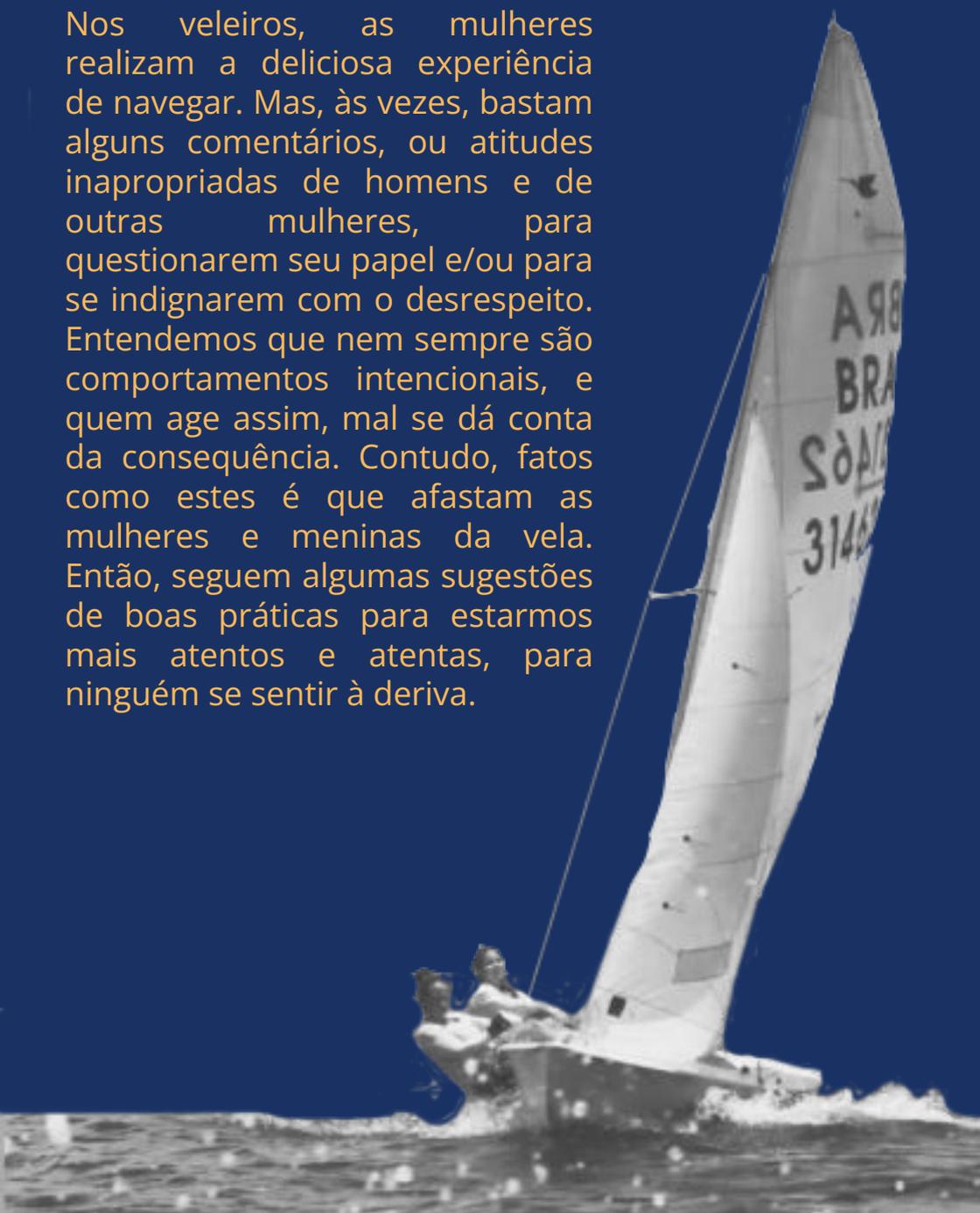


Tenham mulheres instrutoras de vela. As alunas se inspiram em outras velejadoras, e ter aula com uma mulher, faz com que elas sintam que a vela também é o lugar delas.

*Única instrutora da escola de vela sempre ficava com a função de cuidado com as crianças, que não envolvia ir para água.

EMBARCADAS

Nos veleiros, as mulheres realizam a deliciosa experiência de navegar. Mas, às vezes, bastam alguns comentários, ou atitudes inapropriadas de homens e de outras mulheres, para questionarem seu papel e/ou para se indignarem com o desrespeito. Entendemos que nem sempre são comportamentos intencionais, e quem age assim, mal se dá conta da consequência. Contudo, fatos como estes é que afastam as mulheres e meninas da vela. Então, seguem algumas sugestões de boas práticas para estarmos mais atentos e atentas, para ninguém se sentir à deriva.



Não subestimem as mulheres. Elas podem ser boas velejadoras, donas do próprio barco, fortes, inteligentes, campeãs, corajosas ...

*Velejadores da mesma tripulação nunca delegavam funções importantes para as velejadoras.

*Ao propor um reparo no barco, o contratado duvidou que a mulher fosse a dona da embarcação e disse: "Chama o dono do barco pra acertar o serviço."

Ao se propor a ensinar alguém a velejar, seja paciente, tenha uma comunicação clara e uma boa didática para que seu convidado ou convidada leve um aprendizado desta experiência. Não aconselhamos que as primeiras velejadas de um iniciante seja em situação de regata, sugerimos que comecem com passeios e treinos.

*Maridos e namorados convidaram suas parceiras para velejar, mas por falta de didática as mulheres não aprendiam muito bem e sentiam que não levavam jeito para velejar.

*Iniciantes tentaram aprender a velejar a bordo de um veleiro em regata e por conta do calor das emoções não receberam explicações sobre o que era preciso fazer, apenas ordens desesperadas.

Palavrão é palavrão, não fica bom na boca de ninguém. Mas censurar uma mulher por ela ter falado um palavrão e não ter a mesma atitude quando falado por um homem, é no mínimo intrigante. Esta sugestão também vale para outras situações em que as mulheres são julgadas por seus comportamentos que, muitas vezes, são similares aos dos homens. Uma boa dica é repensar a situação trocando o gênero dos envolvidos. No caso do palavrão pense: “essa palavra falada por um homem me causaria o mesmo incômodo?”

*Uma velejadora falou palavrão e os organizadores do campeonato ficaram comentando que mulher não poderia se comportar assim.



Ao velejar ou conversar sobre vela com uma velejadora, esteja ciente de qual relação ela tem com a prática. Para as velejadoras experientes é muito desagradável, quando a ignoram, como se seus comentários não fossem adequados, ou quando alguém explica o óbvio, como se ela não tivesse familiaridade com o assunto.

*Certa vez, correndo uma regata de percurso longo, com apenas homens a bordo, tudo o que a mulher falava era questionado e avaliado, como se não soubesse o que estava falando. Essa mulher tinha mais experiência que os homens a bordo e mesmo assim era encarada como se não tivesse razão e suas sugestões muitas vezes não eram seguidas. Demorou muito tempo para “provar” sua competência.

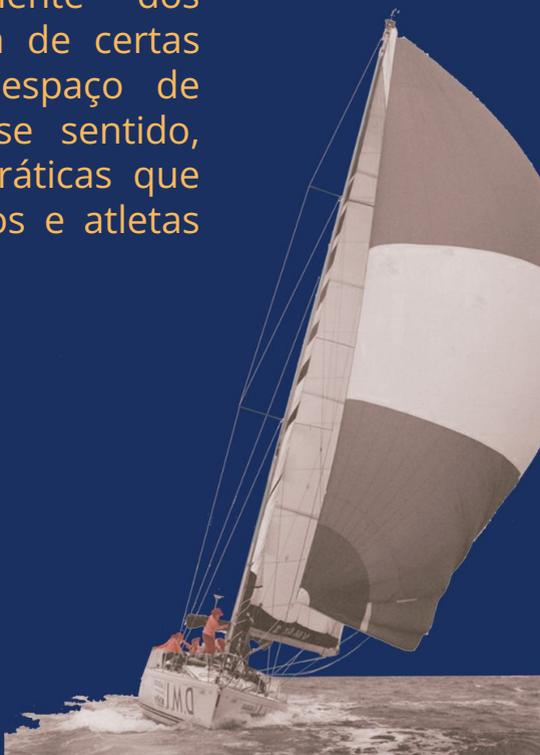
*Velejadores não usaram vocabulário náutico adequado e explicaram coisas óbvias como se a velejadora fosse uma iniciante.

Os ambientes da vela devem ser permitidos para mulheres e homens, mesmo nos ambientes virtuais. A socialização também faz parte do nosso esporte.

*Em um grupo de whatsapp de velejadores de determinada região não era permitido o acesso de mulheres e nesse grupo eram tomadas decisões relevantes para a comunidade náutica.

CAMPEONATOS

A participação feminina em regatas tem se tornado cada vez maior nos últimos anos, tanto por esforços das mulheres que compõem a comunidade, quanto pelas diretrizes da World Sailing e do COI, que visam equidade de gênero. Está crescendo o número de atletas, juízas, comissão de regata, comissão de protesto e equipe organizadora. Hoje, mulheres vêm provando que possuem as qualidades necessárias para serem competentes em qualquer área. Mesmo assim, o ambiente dos campeonatos ainda precisa de certas mudanças para ser um espaço de igualdade de gênero. Nesse sentido, sugerimos algumas boas práticas que os organizadores de eventos e atletas devem estar atentos.



Ao velejar por competição, siga as regras do esporte. Respeite as mulheres como oponentes sérias. Não as ignorem quando pedirem água e não se sintam humilhados se perderem para elas.

*Velejadora pedia água e nunca era levada a sério.

*Velejadora que na regata ganhou de vários homens ao chegar em terra escutou alguns homens zueando os que perderam dela.

*Em um campeonato estadual, em certa região, a largada feminina foi separada da largada geral, e foi verbalizado o receio de que as mulheres demorariam muito para chegar e atrasariam a próxima regata.

A organização deve buscar que em todas as funções haja homens e mulheres.

*Em uma entrega de prêmio nenhuma mulher foi considerada como autoridade.

*Em uma regata importante, na comissão de protesto não havia nenhuma mulher.

Também sugerimos que em cada clube, marina ou escolas de vela exista algum espaço específico para as reivindicações ou sugestões referentes à vela feminina. Algo como um Fórum Permanente em que as questões de equidade de gênero sejam pautadas.

*Em um determinado clube velejadoras se sentiam desrespeitadas e não tinham espaço para manifestar o desagravo.

No que se refere à premiação, considere o gênero como uma categoria, assim como as categorias por idade.

Lembre-se que o resultado geral sempre incluirá mulheres. Ou deve haver uma separação entre “resultado masculino” e “resultado feminino”. Não deixe margem para dúvida nos avisos e Instruções de Regata.

*Aconteceram campeonatos de uma determinada classe em que apesar das mulheres competirem junto com os homens, elas eram retiradas da súmula principal e inseridas em uma súmula paralela. Além das mulheres terem tido a sensação de não estarem participando do evento principal, essa situação resultou em um apagamento da história das mulheres na classe, uma vez que elas não estão inseridas na súmula geral do histórico desses campeonatos.

*Em um campeonato regional, uma dupla feminina júnior foi premiada só na categoria feminina e não na júnior.



Ao fazer referência aos competidores, a organização do evento deve pressupor que poderão participar tanto homens quanto mulheres. Sugerimos que o comitê organizador faça uma reunião com todos os trabalhadores do evento explicando que não existe um padrão de velejador/velejadora e que seja aconselhado a nunca presumirem a função da pessoa que os procura.

*Em um determinado campeonato a organização resolveu escrever “velejador” nas costas das camisetas distribuídas para os competidores e não havia camisetas com “velejadora”. Uma opção seria usar o termo “atleta”.

*No documento de autorização de certo campeonato estava redigido “senhor comandante”, sem a opção “senhora comandante”. Nesse caso, bastava tirar o pronome de tratamento.

*Ao entrar na secretaria de um evento para se inscrever no campeonato, uma funcionária, antes mesmo da velejadora se apresentar, perguntou se ela era acompanhante.



PARA INSPIRAR

Saber da existência de velejadoras nos anima a velejar mais e mais. Em outras mulheres nos inspiramos e espelhamos com a certeza de que a vela também é para nós. Sendo assim, decidimos por adicionar esta sessão em que apresentamos feitas de brasileiras na vela.

Reiteramos que este é um trabalho coletivo e caso você, leitora, tenha informações de outras velejadoras inspiradoras entre em contato conosco.



Mulheres na vela esportiva - monotipo

VELEJADORAS	CAMPEONATO	CLASSE	COLOCAÇÃO
Martine Grael e Kahena Kunze	Jogos Olímpicos Tokyo 2020+1	49er FX	1
Martine Grael e Kahena Kunze	Jogos Olímpicos Rio 2016	49er FX	1
Fernanda Oliveira e Isabel Swan	Jogos Olímpicos Pequim 2008	470	3
Cinthia Knoth e Márcia Pelicano	Primeiras brasileiras à competir na vela em Jogos Olímpicos (Seul, 1988)	470	16
Patrícia Freitas	Jogos Panamericanos Lima 2019	RS:X	1
Martine Grael e Kahena Kunze	Jogos Panamericanos Lima 2019	49er FX	1
Isabel Ficker	Jogos Panamericanos Lima 2019	Lightning	2
Gabriela Nicolino	Jogos Panamericanos Lima 2019	Nacra 17	3

VELEJADORAS	CAMPEONATO	CLASSE	COLOCAÇÃO
Juliana Duque	Jogos Panamericanos Lima 2019	Snipe	3
Patrícia Freitas	Jogos Panamericanos Toronto 2015	RS:X	1
Martine Grael e Kahena Kunze	Jogos Panamericanos Toronto 2015	49er FX	2
Fernanda Decnop	Jogos Panamericanos Toronto 2015	Laser Radial	3
Maria Hackerott	Jogos Panamericanos Toronto 2015	Lightning	3
Patrícia Freitas	Jogos Panamericanos Guadalajara 2011	RS:X	1
Patrícia Castro	Jogos Panamericanos Rio 2007	RS:X	2
Adriana Kostiw	Jogos Panamericanos Rio 2007	Laser Radial	3
Isabela Malpighi	Jogos Panamericanos Winnipeg 1999	Laser Radial	2

VELEJADORAS	CAMPEONATO	CLASSE	COLOCAÇÃO
Maria Krahe	Jogos Panamericanos Mar del Plata 1995	Laser Radial	3
Marion Scheel	Jogos Panamericanos Havana 1991	Laser Radial	3
Juliana Duque e Mila Beckerath	Campeonato Mundial Feminino 2021	Snipe	1
Martha Rocha e Larissa Juk	Campeonato Mundial Feminino 2021	Snipe	3
Ana Paula Gonçalves Marques	Campeonato Mundial de Vela Paralímpica - 2018	Hansa 303	1
Juliana Duque e Amanda Sento-Sé	Campeonato Mundial Feminino 2016	Snipe	1
Juliana Duque e Marina Jardim	Mundial Feminino 2014	Snipe	3
Telma Backup	Campeonato Mundial - Master 2013	Lightning	3

VELEJADORAS	CAMPEONATO	CLASSE	COLOCAÇÃO
Patrícia Freitas	Campeonato Mundial da Juventude 2008	RS:X	3
Juliana Mota e Viviane Oliveira	Mundial Feminino 2008	Snipe	3
Patrícia Freitas	Campeonato Mundial Júnior 2005	RS:X	3
Isabel Ficker e Laura Zanni	Campeonato Mundial 2003	420	1
Bibi Juetz	Campeonato Mundial Master 1988	Snipe	1
Lygia Moreno (grávida)	Campeonato Mundial 1986	Windsurfe	2
Christina Norris	Campeonato Mundial 1979	Lightning	2
Erica Lessmann	Campeonato Mundial - feminino 1976	Pinguim	1
Erica Lessmann	Campeonato Mundial - feminino 1975	Pinguim	1

Mulheres na vela esportiva - oceano

VELEJADORAS	EVENTOS
Martine Grael	Volvo Ocean Race 2017-2018
Isabel Pimentel	Mini-transat 2007 - comandante solitária
Christina Amaral	Regata Desafio Cabo de Hornos 2019 - comandante
Christina Amaral	Regata Desafio Cabo de Hornos 2020 - comandante
Mara Blumer	Eldorado Brasilis 2008
Christina Amaral	Eldorado Brasilis 2004
Nádia Megonn	Eldorado Brasilis 2004 - comandante
Érika Lessmann, Francisca Angel, Anna Luiza Osser, Helena von Sydow, Christina Norris, Nádia Megonn, Andrea Paradedda, Paulina Chamorro	Eldorado Brasilis 2003 - tripulação feminina
Christina Amaral	Eldorado Brasilis 2000 - comandante
Christina Amaral	Refeno 2019 - comandante
Christina Amaral	Refeno 2018 - comandante
Christina Amaral	Refeno 2017 - comandante
Christina Frediani	Refeno 2006 - comandante

VELEJADORAS	EVENTOS
Christina Frediani, Sandra Branchine, Virgínia Prieto, Neusa Miguens, Tatiana Acioli, Iara Lindoso, Alessandra Mello, Tatiana Cabral, Rosana Coccoli, Leiza Dubugras, Sônia Córes e Márcia Prates.	Refeno 2004 - tripulação feminina
Christina Frediani, Celina Mariano, Sandra Branchini, Vânia Lessa, Iara Lindoso, Liliana Fracari, Rossana Ramos e Tatiana Acioli.	Refeno 2003 - tripulação feminina
Christina Amaral	Refeno 2002 - comandante - fita azul
Nádia Megon	Refeno 2002 - comandante
Nádia Megon, Cinthia Knoth, Astrid de Mesquita Barros, Niveamar de Lucca Paniqua, Catarine Bosquillon de Jelis (FRA) e Elizabeth Lieutaud (FRA)	Refeno 2000 - tripulação feminina
Heloisa Soares	Refeno 2002 - comandante
Elisa Mirow	Santos-Rio 2021 - comandante
Carina Seixas, Luciamara Marcelino, Marcela Moura, Alice Arida, Andrea Rodrigues e Maritza Oliveira	Santos-Rio 2021 - tripulação feminina

Mulheres na vela de cruzeiro

VELEJADORAS	EVENTOS
Tamara Klink	Sulamericana mais jovem a cruzar o Atlântico em solitário - 2021
Izabel Pimentel	Primeira brasileira a cruzar o Atlântico em solitário - 2006
Heloisa Schurmann	Volta ao mundo (duas vezes)
Higina Nair Corrêa Bráz	Volta ao mundo
Susy Collingwood	Volta ao mundo
Guta Favarato	Volta ao mundo
Eliza Vandeveld	Volta ao mundo
Eliane Thais	Volta ao mundo
Eneida Ceccon	Volta ao mundo
Fernanda Andrade	Volta ao mundo
Cynthia Franco	Travessia do Oceano Atlântico uma vez como primeira piloto e outra como comandante
Heloisa Soares	Travessia do Oceano Atlântico como comandante (duas vezes)
Nádia Megonn	Travessia do Oceano Atlântico como comandante (catorze vezes)
Adriana Kostiw	Travessia do Oceano Atlântico como comandante (quatro vezes)

Mulheres na liderança de campeonatos e classes



Marione Macário	Gerente de regata nacional
Paola Prada	SCIRA Western Hemisphere and Asia General Secretary Secretaria Nacional da Classe Snipe Idealizadora das SnipeDivas Diretora de Vela YCP
Ann Viebig	Secretária da ABVO e coordenadora da classe HPE
Sibylle Buckup, Ann Viebig, Fernanda Hoffmann, Thelma Buckup, Marcia Godoy e Marione Macário	Compunham a coordenação e gerência de regatas das olimpíadas e das paralimpíadas Rio 2016

Renata Liu, Maria Teresa Zanetti, Mara Blumer e Chris Amaral	Idealizadoras e organizadoras da Regata do Bracuhy
Cornélia Backup	Liderou o desenvolvimento da classe Laser no Brasil em 1974
Sibylle Backup	Fundou a primeira flotilha de Optimist no Brasil, no Yacht Clube Santo Amaro em 1972
Norgat Biekarck	Coordenou a classe Pinguim em São Paulo nos anos 60 e junto com outras mães organizou as semanas de vela de pinguim.
Olga Backup, Beate Backup, Wiltrud Bromberg, Hildegard Bromberg e Helou Motta	Organizaram e participaram da primeira regata feminina brasileira na Represa Guarapiranga (SP) em 1946

Mulheres na CBVela

Ligia Becker	Diretora de Vela Feminina
Carla Gonçalves Pereira	Diretora Jurídica
Sandra Di Croce Patricio	Diretora de Sustentabilidade
Isabel Swan, Claudia Balestrin e Celina Mariano	Conselho de Administração
Ana Barbachan, Bruna Martinelli, Gabriela Nicolino e Patrícia Freitas	Comissão de Atletas
Gabriela Nicolino, Ana Barbachan, Isabel Swan, Martha Rocha, Rafaela Salles, Paola Prada, Lígia Becker e Claudia Balestrin	Comissão de Vela Feminina
Marione Macário	Comitê de Oficiais de Regata da Vela
Martha Rocha	Comissão de Técnicos
Maria Hackerott	Técnica Vela Jovem / Coordenadora Vela Feminina
Laís Gomes	Marketing
Thais Ferreira	Administrativo
Mariany Marques	Secretaria
Lara Ramos	Eventos

VISITE NOSSO PERFIL NO INSTAGRAM **@velafemininabrasileira**

Esta cartilha foi elaborada por um coletivo de velejadoras à pedido da Confederação Brasileira de Vela.

